



## EM MEMÓRIA DE MARIO DUAYER\*

Paulo Henrique Furtado de Araujo\*\*

### I

No dia 16 de janeiro de 2021 perdemos Mario Duayer para a pandemia que assola o planeta e que, até esse momento em que escrevo, ceifou a vida de 514.092 brasileiros e brasileiras. As ações deliberadas e conscientes, tomadas pelo (des)governo miliciano-empresarial-militar, que ocupa o núcleo central do poder executivo no Brasil e que miram a facilitação do contágio viral, explicam essa tragédia. Essa pandemia é mais uma manifestação fenomênica da crise

---

\* Originalmente publicado na Revista Verinotio, v. 27, n. 1, p. 428-441, jan./jun. 2021;

<http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/622/533>

Aqui reproduzimos o artigo com alguns cortes.

\*\* Professor da Faculdade de Economia da UFF, do PPGE-UFF, Coordenador do GEPOC-UFF e membro do NIEP-MARX-UFF. E-mail: [phfaraujo@id.uff.br](mailto:phfaraujo@id.uff.br)

estrutural produzida pela contradição fundamental da sociedade do capital (entre valor de uso e valor) e que tem por correlato a produção de uma massa do povo permanentemente excluída da possibilidade da produção do laço social (valor) que garante o pertencimento de cada singularidade humana à comunidade na qual está inserida – desemprego permanente. Acrescente-se a atual crise ambiental que, tudo indica, já é irreversível, e temos sinais claros do esgotamento das possibilidades civilizatórias do capitalismo. Tais manifestações evidentes do aprofundamento da barbárie são o arrimo para o desenvolvimento das formas ideológicas as mais reacionárias e que passam a dominar o complexo da política: fascismo, nazismo, racismo etc.

Mario Duayer nos deixou nesse momento crucial para os rumos do devir humano do ser humano e, nos privou das análises, refinadas e precisas, que tanto nos ajudavam na elucidação de complexos de problemas que poucos revolucionários marxistas na atualidade abordam.

Ofereço aos leitores um singelo relato de minha convivência com Mario em que procuro destacar o seu compromisso teórico e prático com a emancipação humana e tento indicar a dimensão da perda humana e intelectual que o seu desaparecimento acarretou.

## II

Encontrei Mario pela primeira vez em janeiro ou fevereiro do distante ano de 1989. Era o encontro de apresentação da primeira turma selecionada, a partir das provas da ANPEC, para o Mestrado em Economia da UFF. Meu interesse era o estudo de Marx e quando da seleção para o mestrado descobri que na Economia da UFF havia um núcleo de professores marxistas. Minha escolha pelo programa foi natural e, nesse primeiro encontro conheci, além de Mario, Victor Hugo Klagsbrunn. Os dois professores eram, naquele momento, os marxistas do Programa e eu, naturalmente, me aproximei deles. Victor Hugo veio a ser meu orientador oficial da dissertação de mestrado e Mario um orientador informal. No primeiro semestre do curso Mario oferecia uma disciplina obrigatória que era de leitura do Livro 1 de *O Capital* – texto que eu já conhecia da graduação – com uma bibliografia complementar que era inovadora naquele momento. Mario trazia, sempre que possível e adequado, as contribuições de Lukács colhidas em *Para uma ontologia do Ser Social*. Isso num período em que só dispúnhamos de dois capítulos da obra de Lukács vertidos para o português por Carlos Nelson Coutinho – *A falsa e a*

*verdadeira ontologia de Hegel e Os princípios ontológicos fundamentais de Marx.* Mario complementava suas intervenções em nossas aulas com referências a textos de José Chasin e István Mészáros<sup>1</sup>. Tal abordagem provocou profunda impressão em toda turma e um grupo de alunos demonstrou interesse em aprofundar a leitura da *Ontologia* de Lukács. A partir desse movimento, Mario ofereceu por mais três semestres disciplinas optativas que funcionaram como grupos de estudos. O que já revelava uma característica permanente do modo de ser de Mario: a preocupação em aprender coletivamente e em avançar no conhecimento coletivamente. Elucidando e auxiliando, de modo rigoroso, cada aluno em suas dúvidas e dificuldades.

Nesse período, a pesquisa de Mario tinha por foco as questões do método. Mario se ocupava, com grande afinco, em elucidar os problemas relacionados à teoria do conhecimento (gnosologia e epistemologia) e em esclarecer as necessárias ligações entre gnosologia/epistemologia e a ontologia materialista do ser social. Sua pesquisa nesse campo se estende de 1988/89 até 2004/2005 e resultou em uma grande quantidade de artigos científicos e capítulos de livros publicados e que ainda hoje são referência para o debate nesse campo. Aqui é preciso mencionar outra

---

<sup>1</sup> Com destaque para os artigos publicados na *Revista Ensaio* e, posteriormente, na *Revista Ad Hominem*.

característica de Mario: a permanente busca por interlocutores teóricos no plano nacional e internacional. Disso decorre a descoberta das contribuições de Roy Bhaskar e os autores do campo do *Realismo Crítico* e a consequente incorporação crítica dessas abordagens em suas reflexões teóricas a respeito da teoria do conhecimento que se mantinham no campo do marxismo e articulavam esses autores recém-descobertos com as contribuições do próprio Marx, de Lukács, Mészáros, Chasin etc.

No intervalo de tempo referido Mario, ao lado de sua elaboração teórica, participa ativamente (e em parceria com Victor Hugo Klagsbrunn) do processo de organização e fundação da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP)<sup>2</sup>. A *SEP*, ao longo dos anos de sua existência, transforma-se na principal entidade brasileira (sustentada por pessoas físicas) dos economistas heterodoxos (os que não aceitam o *mainstream* da teoria econômica como chave explicativa da sociedade e da economia capitalista) e dos economistas marxistas em particular; sendo hoje referência continental e mundial no campo da teoria econômica crítica e heterodoxa.

---

<sup>2</sup> A *SEP* foi fundada em 1996 na UFF, em Niterói, no *Primeiro Encontro Nacional de Economia Clássica e Política*.

Alguns anos após a conclusão do meu mestrado, fui aprovado em concurso público para o cargo de professor de Teoria Econômica do Departamento de Economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica – município um pouco distante de Niterói. Essa contingência e as circunstâncias da vida acabaram por me afastar do convívio pessoal e intelectual com Mario. Ainda que nos víssemos em alguns momentos festivos ao longo dos anos, foi somente no ano de 2009 que pude retomar aquele convívio, ao ser aprovado em novo concurso público, agora para professor de Pensamento Econômico da Faculdade de Economia da UFF. Em meu retorno à UFF tive a felicidade de ser apresentado ao círculo de professores, alunos, amigos e colegas que privavam da convivência com Mário. Para não cometer injustiças, não citarei nenhum dos amigos em particular, mas registro que o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo da UFF – NIEP-MARX-UFF – era o centro gravitacional de todos nós. O NIEP surge em 2003 e congrega professores, pesquisadores e alunos de diversas unidades da UFF (Economia, História, Educação, Serviço Social, Sociologia, Arquitetura etc.). Todos tendo em comum o pensamento de Marx enquanto eixo articulador de seus trabalhos de ensino, pesquisa e extensão. Mario foi um dos fundadores e organizadores do NIEP – que hoje é uma referência no

campo do marxismo tanto no Brasil como internacionalmente.

Quando da retomada da interlocução com Mario, fui apresentado por ele<sup>3</sup> a um autor desconhecido no debate brasileiro, naquele momento, e que Mario havia descoberto em um de seus pós-doutorados: Moishe Postone. Nessa altura, Mario já se afastava dos estudos sobre metodologia e passava a se dedicar às questões apresentadas por Postone. Uma vez indagado sobre esse afastamento, por um amigo em comum<sup>4</sup>, Mario respondeu que ele já tinha obtido autoesclarecimento o que o levara a estudar outros assuntos. Postone, eu arriscaria dizer, é um autor incontornável para a reconstrução do marxismo enquanto ciência e ideologia que aponta para a humanização do ser humano. Ainda assim, é um autor envolto em polêmicas e mal-entendidos. O meu primeiro contato com a obra principal do autor (*Tempo, Trabalho e Dominação Social*) me levou a uma rápida rejeição. Comentei com Mario de que se tratava de um autor anti-marxista. Mario, com paciência e generosidade, se dispôs a demonstrar que não se tratava disso, muito pelo contrário, o autor oferecia a possibilidade de uma leitura de

---

<sup>3</sup> Nesse período eu dividia gabinete de trabalho, na Faculdade de Economia da UFF, com João Leonardo Medeiros (dentre outros amigos) que gentilmente me enviou cópias dos artigos e livro de Postone e se dispôs a dialogar a respeito das ideias do autor. Aqui registro meu carinho e agradecimento a João.

<sup>4</sup> Faço referência a Natan Oliveira.

Marx que resgatava a radicalidade de sua crítica à sociedade do capital.

(...)

### **III**

Mario, no ano de 2011, aposentou-se como Professor Titular da Faculdade de Economia da UFF e passou a ser Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Naturalmente ocorreu um certo distanciamento do dia a dia da UFF e Mario, em 2012, organizou um novo grupo de estudos e pesquisas, o GEPOC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica), retomando o nome de um outro grupo que ele ajudara a criar quando de sua estadia como Professor Visitante no curso de Pós-Graduação em Sociologia Política na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) nos anos de 2006-2007. O GEPOC, em seu início, reunia pesquisadores da própria UERJ, todavia, rapidamente foram sendo incorporados professores e alunos de outras instituições (UFF, UFRJ). No ano de 2016, com o fim do vínculo de Mario com a UERJ, o grupo passa a se reunir no campus da UFF e modifica seu nome para GEPOC-UFF.



Nesse período explicita-se o veio principal da pesquisa que Mario irá desenvolver até o final de sua vida: as proximidades e contradições entre a *Ontologia* de Lukács e a reconstrução da teoria de Marx ofertada por Postone. Para alguém que conheça um pouco os dois autores e suas contribuições teóricas, pode parecer, de imediato, que se trata de uma tarefa impossível. Postone é explícito ao negar a validade de qualquer ontologia, que ele associa a metafísica (em pleno acordo com o entendimento de Adorno). Mario percebeu que Postone, sem saber, instaura uma crítica ontológica ao marxismo tradicional e, ao mesmo tempo, possuía uma compreensão da teoria do valor que era adequada ao constructo teórico oferecido por Lukács em sua obra final. O primeiro desafio a ser enfrentado era como sustentar que o trabalho não era emancipador por si. Ou ainda, diferenciar o trabalho universal/geral, fundante do ser social, motor do processo de afastamento da barreira natural e início da constituição da substância do ser social e de suas formas de manifestação fenomênicas, do trabalho determinado por mercadoria que unilateraliza o ser humano e se instaura como o centro, o eixo estruturante, da sociedade moderna. A essa tarefa Mario se dedicou e fez avançar a compreensão sobre as diferenças entre trabalho enquanto fundante do ser social e o trabalho que é central na sociedade do capital.

Ao mesmo tempo não lhe escapava que as leituras desses autores, para se tornarem ideologias de fato, precisavam não apenas apresentar respostas para os problemas contemporâneos do processo de acumulação de capital, mas, sincronicamente a essas respostas, se apossar da consciência da massa do povo. Tal perspectiva levou Mario a voltar a estudar, nas reuniões do GEPOC-UFF, a obra principal de Postone (*Tempo, Trabalho e Dominação Social*), os livros 2 e 3 de *O Capital* (também nas reuniões do GEPOC-UFF) e os capítulos *A Reprodução*, *O Ideal e a Ideologia* e *O Estranhamento de Para uma Ontologia do Ser Social* (na preparação das aulas das turmas que dividíamos no PPGE-UFF) – esse esforço foi realizado ao longo do período 2016-2020. O desaparecimento de Mario não permitiu efetivar parte substantiva do potencial desse esforço sob a forma de textos, artigos, entrevistas e livros. Ainda assim, ao longo desse intervalo, vieram à luz alguns materiais que nos permitem vislumbrar os rumos que tomava o pensamento de Mario. O marco inicial dessa produção é a organização, que fizemos já no ano de 2016, do número 22 da Revista Verinotio, dedicado ao tema da (des)centralidade do trabalho.

Nos últimos meses de 2019, em uma tarde de estudos, na casa de Mario, conversávamos sobre como, na sociedade do capital, o trabalho vivo revive o trabalho morto presente

em máquinas, equipamentos e matérias-primas. Nesse instante ele me olha muito sério e diz algo assim: “Paulo, temos algo semelhante quando lemos autores que já não estão entre nós. As objetivações de suas ideias, de suas habilidades etc. retornam à vida quando os livros e textos desses autores são lidos, discutidos e criticados. De um certo modo eles permanecem vivos conosco, em permanente diálogo”. Jamais poderia imaginar que em pouco mais de um ano estaria escrevendo um texto em homenagem póstuma ao meu querido professor, coorientador, coautor, amigo, “irmão mais velho” e modelo de intelectual – rigoroso, generoso, incansável leitor e possuidor de uma cultura enciclopédica e de uma escrita exemplar. Ainda assim, tomo as palavras acima e convido a todas e todos interessados a ler, discutir e criticar os materiais de Mario. Não apenas o manteremos vivo, prestando a melhor homenagem possível a um intelectual que já não está entre nós como, certamente, encontraremos inúmeras sugestões, pistas e trilhas para a reconstrução do marxismo enquanto ciência e ideologia emancipadora do valor.

#### **IV**

Não poderia encerrar esse relato sem mencionar dois pontos: (1) Mario, ao longo de suas aulas nas turmas de graduação, de pós-graduação, nas atividades de extensão, em

seminários e grupos de estudo formou dezenas de professores, pesquisadores e lutadores sociais todos profundamente comprometidos com a inteligência do ser social sob o domínio do capital. Há toda uma geração de marxistas em atuação hoje, no Brasil e no mundo, que se beneficiaram direta e indiretamente da reflexão teórica e da figuração de mundo que Mario constituiu ao longo de sua vida. Conforme nos lembra Eleutério Prado: “Se podemos falar de um marxismo de Niterói, pelo menos no âmbito da Economia, devemos isso à Mario Duayer”. (2) Mario, juntamente com Nélio Schneider, traduziu, diretamente do alemão, os *Grundrisse* para a edição organizada pela Editora Boitempo, além de ter feito a Supervisão Editorial dessa edição. Além disso, Mario traduziu, com Carlos Nelson Coutinho e Nélio Schneider, o volume 1 de *Para uma Ontologia do Ser Social*, também publicada pela Editora Boitempo.

(...)

A coletânea de textos apresentadas nesse dossiê do Blog marxismo21 é uma merecida homenagem ao Mario e, certamente, uma fonte de fácil acesso para todas e todos interessadas e interessados em sua produção teórica.

**Mario Duayer, presente!**

9 de outubro de 2021.